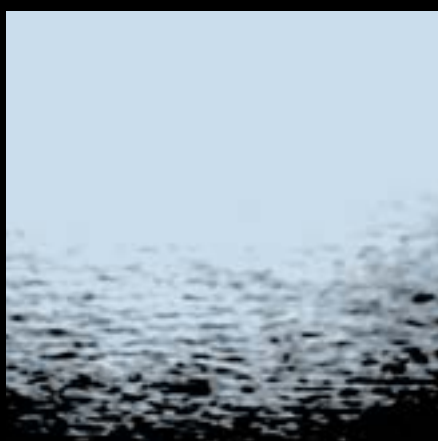
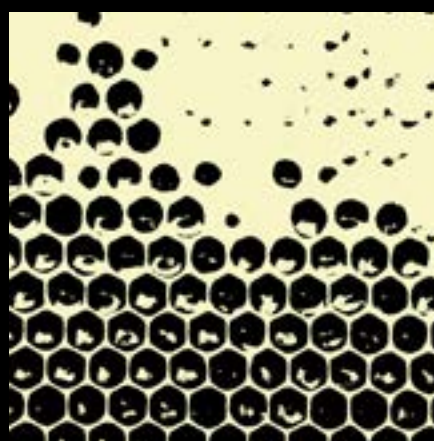


Os poemas da minha avó

Os poemas da minha avó



Patricia
Nardelli



PREFÁCIO

Devo aos meus avós
duas das três coisas que me ensinaram a ler:
as palavras no jornal
os mistérios de Agatha Christie
a verdade sobre os UFO's.

Uma viagem ao salto do Itiquira,
onde todos os estabelecimentos levam esse nome.
Ali descobri que ler era uma maldição
da qual não era possível se curar.

I

Amanhece,

o sol feito um cacho de glicínias amarelas

manchando um vestido caro de cetim azul.

Como rosas nascendo nas fronteiras dos jardins:

uma nota ardente no muro em ruínas.

Na manhã de primavera, o chão coberto de jasmins

fingia fazer nevar nos trópicos,

com cheiro doce como compotas.

Amanhece,

o mel das manhãs lentamente se estraga

ao alcançar os lugares mais difíceis de mim,

escondidos em roupas de inverno,

como se fossem as tristezas, axilas da alma.



Meu amor é a doura silenciosa e total do meu ser
auroras radiosas, coloridos horizontes,
revela ao afago morno do sol
irradiações esplêndidas.

Meu canto é suave e discreto,
adormece fadigas e desenganos
enquanto as ondulações dos montes
figuram ondas do mar em repouso.

E datam desta hora as ruínas do meu campo.



Beijar os lábios de Maud
Segurá-la pelos braços finos, hábeis,
deixar que os véus lhes escorram pelos ombros
e como o mar, lambar os pés de Maud
murmurar ternas canções apaixonadas:
os olhos de Maud, quando gozam,
acendem uma cidade inteira
Eu trêmula, musa congelada, contemplo:
entre nossas pernas tocam-se os arbustos
segredos muito antigos de sobreviver ao inverno.

Sonhei que fazia sol, o céu claro, azul

Desejei ter cabelos da cor das noites vividas
enfeitar de orvalho o pescoço, ainda que frio.

Vi planícies palpitantes, montanhas nuas,
ondas salgadas repletas de algas e de esgoto.
Sonhei auroras radiosas, coloridos horizontes
e me perdi na navegação dos seus vapores.

Cavalguei o vento, coração aberto, corpo atento

A fé é um cavalo arreado que não era meu.

Acordei, perdi os sonhos, tantas vezes escrevi.

Durmo todos os dias como se fosse possível encontrar uma cavalaria.

No silêncio da noite minh'alma despertou
como quem segura um caco de vidro afiado
e se assusta com o perfurar da pele
para logo depois se dar conta da sua obviedade

No silêncio da noite não há espaço para o grito
fica representado como uma marca,
uma cicatriz de sessenta e cinco anos.

No silêncio da noite enluarada,
erma de afetos, minh'alma despertou.
Olhou para o lado e buscou exílio
no abraço de um velho homem de bigodes
que já não estava lá.

No silêncio da noite enluarada,
Enquanto minh'alma queimava
na fogueira santa das minhas saudades,
deus me abandonou.

No silêncio da noite enluarada,
erma de afetos a lua, a noite e eu
minh'alma feita de matéria escura e quieta
despertou com os olhos abertos, arregalados.

No silêncio, há na noite alguma luz
que faz ver fina poeira pontiaguda a me penetrar o peito.

Lua cheia de julho,
os ombros nus da morte
envolta em purpurina.

Luar em foice,
manchas sanguinolentas,
como grandes flores vermelhas,
na alvura dos lençóis.

Mesmo aqueles que sobem se enganam e confundem
consideram monótonos os cumes que guardam entre si diferenças
tamanhas
se escuros, verão, do contrário haveria a alvura da neve a lhes salpicar as pontas,
aconcágua

O que enxerga cada cume de uma cordilheira
a despeito da herança comum do desenvolvimento
é a marca indelével de suas individualidades

Ser capaz de observar fio de água nascente
e saber onde vai parar
lago titicaca
ou mar do caribe

O som do vento soprando na boca da garrafa cheia de água de um viajante
compõe o farfalhar eventual de alguma vegetação resistente
ichu
e a água que escorre, humor vítreo oracular,
segue incauta seu caminho
prestes a se tornar o que será.

O ar suave, fresco, cheio de perfumes;
a terra cofre aberto, joias preciosas;
O lago úmido borrando o colo das campinas;

Os cirrus

- ou seriam cumulus? -

são cachos ao vento quente de setembro.

É primavera e os teus cabelos brancos

já não balançam pela atmosfera.

Nos meus olhos, precipitam memórias

dos seus olhos cerrados, luminosos,

conforme a descrição dos livros.

A sua imagem é um golpe no peito,

injeção de adrenalina,

brônquios abertos, alvéolos despertos,

plena de ar e vida no meu corpo:

os pulmões livres da fleuma das flores da estação.

Muito em breve será verão, meu amigo,

e não nos haverá mais equinócios.

Não é engraçado perceber aonde nos levam os poemas?

Exausta, chego a terras devastadas.
Os pés duros de caminhar no asfalto,
os pulmões cheios de óleo diesel.
Uma ave preta me anuncia aos prantos,
o bico afiado como uma navalha suja.
Ouve o que te segredo:
um dia chegou o amor, e datam desta hora as ruínas do meu campo.

o outono é a morte do mundo
claro, todo mundo sabe,
desde os haikais e antes
se vê em todos os ângulos.

As folhas de plátano lentamente
apodrecem em sacos de lixo
enquanto novas se desprendem.

O outono é a morte do mundo
a estação da lembrança
cada folha que encontra o solo
guarda no tom amarronzado
os dias quentes de verão
memórias de outras cores.

A vida é mais bonita no fim
a menos que se tenha Alzheimer.
Então não há nada a lembrar
e o corpo enrugado, frágil
como um papel manteiga
guarda segredos pra dentro.

Que bom seria haver uma
autópsia biográfica dos indivíduos
que, assim como às árvores
se contam a idade pelos círculos
no interior de seus troncos,
contasse a vida pelo decaimento
do organismo, pelo estado dos órgãos:
rever pela íris opaca as lembranças
de pigmento antigo, dias quentes ou não.

Revelar ao afago morno do sol
irradiações esplêndidas,
as encostas dos morros como ondas cálidas
de desejoso magma, rocha em formação.

 Não existe repouso no mar, nem sob a terra,
 tudo que é líquido se movimenta:
 a bÍlis passeia entre os órgãOs,
 a língua escorre pela faringe,
 até mesmo a montanha, por baixo da montanha,
 derrete
 deixa de existir.
Toda manhã é uma pretensa solidificação.

Talvez, Maud, cansada de impor movimento ao corpo
tenha optado por se deixar levar pela geografia viva
do encontro das águas, do mar, flocos de neve.
E seu corpo ainda dança a decomposição coreográfica
das correntes marinhas.

II

Os acidentes.

Me interessam os acidentes.

Os percalços, os quebra-molas do poema:

onde foi que você se deteve?

Resolver o beco sem saída de um poema

numa pontuação

que a gente nunca vai saber se foi proposital

ou se você usava uma caneta tinteiro que,

numa distração, manchou o papel

provavelmente gasto e amarelado que a sua filha encontrou

quando você estava prestes a jogá-lo no fogo de uma fogueira

ou da boca de um fogão.

E você lhe pediu no leito de morte que o deixassem queimar

Por favor!

E como uma doença congênita, aqui estamos,

o poema e eu,

um quebra-cabeças a ser remontado

com seus cabelos brancos e com os meus.

Terpsícore dançando em cima de um lago congelado
os pés metidos em sapatos de lâminas afiadas
sempre esteve na água, mesmo quando fora rainha
de uma dita porção do território antártico.

Maud preferiu a fluidez ao gelo,
onde faz ainda rodopiar o corpo
Entregue, braços abertos, um salto
no encontro com sua própria finitude
travestida de eternidade.

Existe uma linha fina
entre a indagação e a inveja
o fascínio e a identificação.

É porque não te vejo feliz
que te vejo em mim.

E de todas as dores a que me assombra
é hereditária.

Alívio é uma dor que faz sentido.



Alva navalha, lua argêntea,
em julho de 1983 nos vimos na praia de Guarapari
no poente, a gente se despedia do abraço de um tio muito chato e gordo
lembra?

Era inverno e dois anos antes de eu nascer, quase três,
o céu como um flamingo ou um sex on the beach vagabundo,
comprado numa barraquinha de capeta,
anunciava uma noite fria, me ensinaria minha mãe,
a quem você deve ter versado na oculta ciência
da leitura das cores celestes.

Unidas por uma fé quase marítima, como um cordão umbilical
capaz de pular uma geração inteira
eu falava de cristo nos primeiros anos da minha vida
e você, nos últimos da sua.

Mas nunca ao mesmo tempo, exceto nas novenas.

Depois, minha fé em sentido contrário.

Até aquele pôr do sol frio na beira-mar em julho de 1983
eu não sabia o que sustentava a enormidade da sua crença,
dos tormentos, imagens de violência e abandono,
e a recusa do niilismo que fez casa naquela década.

Unidas por um cordão umbilical muito longo,
capaz de pular uma geração inteira,
gastamos aquela noite acordadas
assombradas pelos horrores da humanidade
e pedimos, você a deus, e eu a morte,
que nos apartasse.

Não é que não se possa falar de deus
mas fala-se de deus num pano de prato
ou no limiar da experiência humana.

Eu não tenho fé, minha senhora,
a fé é um cavalo arreado.

Toda fé doméstica guarda em si um animal tempestuoso
prestes a nos dar o violento troco.

Minha senhora, entenda uma coisa

os pronomes possessivos

somente de forma irônica

ou debochada.

Eu prefiro mil vezes a poeira das ruas

do que a piedade de deus.

Antes vestir os farrapos

do que dar de comer aos papas.

Meter vassouras longas entre as pernas

austeras, escuras, áridas

- ainda que jovens -

e ouvir o canto escuro do pó.

Fagocitar a fuligem da avenida:

resquício mágico dos dias.

Enquanto vocês dormem, cheios de pecados

entidades bruxuleantes assobiam

fazem dar passagem à miséria dos pensamentos tacanhos

de toda a gente de bem.

E riem

a boca cheia de dentes afiados que rejeitam a carne de cristo.

Assim somos nós,

em toda a glória dos restos.

Eu uso palavras repetidas, vó

eu uso palavras repetidas.

Você também.

Eu não sei o que quer dizer as minhas palavras repetidas

além da exposição da minha falta de vocabulário.

Vai ver eu uso palavras repetidas

porque também as ideias se repetem na minha cabeça

giram, circulam, ficam fixas.

E olha que eu medito, vó

20 minutos todos os dias de tentar deixar ir os pensamentos.

Quase nunca vão.

E se vão, voltam.

As ideias se repetem na minha cabeça

e a cada vez que se repetem vão se tornando outras.

Vai ver eu uso palavras repetidas assim,

cada vez que aparecem no poema

têm um significado diferente.

Como se um poema pudesse dar conta

de todo o campo semântico.

E nisso acho que a minha escrita

encontrou um lugar pra chamar de seu,

vó.

A sua também.

Ambas ao lado do fogareiro.

Alba,
estou farta de nossos poemas.
Escrevo com uma tendinite terrível do lado direito,
dois mil e duzentos mortos e nenhum miosan.
Queria ouvir histórias da minha família,
mas todo mundo é temente a cristo, que tédio.
Deve ter um círculo do inferno para as mulheres que
diante das súplicas escritas por suas antepassadas perto da morte
debocham de suas crenças.
Temos muito pouco a ver, eu e nós.
Entre minha família e eu, deus,
uma ancestralidade tão tosca de se carregar:
comer o mofo do corpo de cristo
pra agradar o sangue que,
diria minha mãe, não é água.
Por isso desce difícil e amargo,
como a ferrugem dos grilhões.
Todo mundo está morrendo,
e o passado, os sobrenomes,
bem poderiam morrer junto.

Soterrados sobre os escombros dos períodos sombrios da humanidade, aqueles quando
importavam os nomes.

Alba,

Falta pouco, muito pouco

para que possamos, enfim, cair no esquecimento.

Exaustas.

Às vezes não sei o que escrever, vó,
e nunca me leio como a mim mesma,
sou sempre outra aos meus olhos.
Como se por detrás de mim houvesse
uma paleta de cores pervasiva
- O₂, nitrogênio -
a ser revelada somente no fim da tarde,
depois de cansadas as chuvas.

Enquanto te leio, aposto comigo mesma quantas vezes serei surpreendida por algo fértil tal como a chuva que cai de entre os tapetes cinzentos dos nimbos em ondulações amenas. Existem as coisas, claro, que não gosto sobre você, mas aceito. Compreendo, até. Separo mentalmente as expressões que mais me agradam, as interessantes figuras e formas que poderiam me inspirar outros poemas. Fico ansiosa para chegar ao fim do texto e reencontrar vocábulos já familiares, suas repetições, os elementos naturais onipresentes nos seus pensamentos, os leio enquanto engasgo umas palavras urbanas. Gosto de caminhar olhando as paredes da cidade, os números próximos um ao outro perduram como uma nota ardente no muro em ruínas das nossas inúmeras batalhas perdidas. Nossas, mas não suas.

III

Não se fazem canções sobre bicos de papagaio, nem sobre lírios do mar.

Minha avó via realza nas cores douradas, glicínias, azuis e brancas neves edelwais

Dela tenho o gosto exagerado pelas cores das coisas e o romantismo de evocar elementos da natureza.

Hoje, me interessam mais as ironias aos flamboyants, muito embora todo mundo esteja por morrer.



Em 1948

Uma bananeira solitária, à beira da estrada, solitária e triste como uma solteirona, sem sonhos e sem amor.

Em 2020

Uma bananeira empoderada, ousando estar onde nenhuma outra ousou, faz o branding da sua própria marca de cosméticos.



É um clichê das histórias de amor
que a lua, enamorada do sol,
não se dê conta que ele não a olha
exceto para ver a si mesmo.

E a candeia das louras estrelinhas
canta o boylixismo, a relação tóxica:

2021 mana, tem que se valorizar.

Todo sol é uma estrela,
esquerdomacho celeste.

As glicínias feito ametistas macias
são pares das melancolias
que nos acometem o espírito
de tempos em tempos.
Conversam conosco, ilusões abertas
o coração, uma espécie de dureza softcore:
estávamos por toda parte.
Você se lembra?
Blue is the color of love
dizia um filme que me impactou
eu era jovem, e você, feliz
desmanchamos inflorescências
uma maciez enrijecida
não diagnosticada.

debruçada sobre o abismo ela caminha,
sempre em frente, pé ante pé
confiante vai, segura de que frente
não é a mesma coisa que baixo

debruçada sobre o abismo ela olha
para o alto, um céu azul de veludo assim
só pode fazer noite após noite
trinta dias de escuro.

debruçada sobre o abismo ela ri
senhora das avalanches
abominável criatura das neves
vinte e sete feridos ficaram em baixo

debruçada sobre o abismo ela dança
cinco seis sete oito
em cima de uma corda de slackline
só é vivo quem cai

Nos trópicos tudo é diferente

Nunca fui à Rússia

ver Terpsícore

patinar sobre os lagos congelados

na novena de sua vida.

Tem duas vacas e uma cabra,

Terpsícore,

que lhe dão de comer,

peles e sangue quente.

Mais de 60Km a separam

da cidade mais próxima.

Nos trópicos tudo é diferente,

estamos há 147 milhões de km do sol

e alcançá-lo parece mais fácil

do que plantar um pé de feijão.

Terpsícore rodopia antes em Plutão

do que sobre o asfalto quente

que separa a praia do condomínio de luxo

que a privatizou.

E eu ainda moro longe do litoral.

Programas dominicais, jornais policiais
o sensacionalismo de pegar no sono
com a cabeça erguida sobre o pescoço
queria piscar e acabei dormindo

O ronco, a trilha sonora primordial
de todas as tardes gastas na sala
antes do café passado chegar.

E eu me afundava na área 51
mistérios investigativos
sobre entes de outro planeta
enquanto você, neste
se acabava devagar.

Como quem dormia de olhos abertos,
minha infância, incauta numa biblioteca,
preferia ler a estar viva.

Uma criança ri no salão,
adultos assistem tevê,
não tem moral.
Exausta, a procriação se perpetua.

Caminhar até as margens de um rio
e dar de cara com um cemitério
de fornos de micro-ondas
como se uma giovana mítica
tivesse falhado em segurá-los.

Florescem roxas as árvores
cujo nome não faço ideia
na rua em que moro
enquanto gatos fazem gaslight
da varanda para dentro.

No silêncio da noite enluarada segurei suas mãos num estacionamento, calma madrugada surpreendia, clarão de luz, ônibus de turismo. O leve toque dos nossos ombros me fazia pensar no espaço entre eles

que desenho será que formava.

Um xis beirando a intoxicação alimentar e as melhores crianças viadas procuravam no horizonte iluminado um verso de amor escondido numa carta relato dos horrores do nosso tempo. Porque as pessoas ainda amam, você sabe, não importa que calamidade as acometam. Alimenta o brilho, ao menos, o calor sem par dos desejos. Então, erma de afetos, minha'alma despertou. No brasil 2021 não temos tempo para dormir, quiçá sonhar. Os ombros nus da morte caminham entre nós, sinceramente, exaustos de nos carregar. E eu alimento essa crônica geracional: toda semana um suspiro maior do que os pulmões fracos podem dar.

Depois me deito num leve fru-fru de sedas argentinas, lençóis de mil fios egípcios, algodão agroecológico da indústria têxtil brasileira: rios de dinheiro se esgotam lambendo as peles nas noites ansiosas da cidade em recessão.

Às vezes acho que não tenho mais o que dizer
sacrifico-me às linhas que permanecem vazias
acesas sobre minha cabeça durante toda a madrugada
o barulho dos carros na pista em frente de casa
carrega consigo as gotas da minha sanidade
que perco como orvalho ao longo das madrugadas insones

O cheiro de bosta entra pela janela da minha sala
enquanto leio linhas velhas descritivas
de uma paisagem que nunca encontrei.

Nas noites de lua cheia aqui, resta apenas
admirar os estacionamentos
no intervalo de uma facada.

Fingir que encontrei o amor
e mandar deus se foder.

Ter a ligação recusada pela ambulância
porque a polícia não permitiu o socorro
de alguém que gritava do outro lado da rua.

Esperar que os dias úteis acabem
para enfim, dentro de uma realidade virtual qualquer
encontrar ar fresco e água corrente.

IV

Ler um poema e deixar de lado o julgamento
como se a leitura fosse um exercício zen:
o poema não é bom ou ruim
o poema apenas é.

Ler um poema e deixar de lado sua autoria
o poema poderia ser qualquer pessoa
em qualquer época ou língua
em qualquer lugar.

Ler o poema e testemunhar
suas imagens, seus cheiros,
sua hora, sua estação,
estes marcadores tão precisos
e ainda assim, universais.

Ler o poema atrás do poema
tornar-se uma com o poema
olhar o poema como se pudesse olhar a si
através do poema.

Uma espécie de Alice da linguística.

Ler o poema e identificar
que não há poema
apenas anseio de mim para ela
resolver em poesia a lacuna da memória
tão vaga quanto qualquer coisa que se bote em papel
ou na rede mundial de computadores.

Desmoronar o poema e, enfim,
ir a uma sessão de psicanálise
para concluir à duras lições
que não existe eu, nem ela.

Desenvolvo um léxico num trabalho de arqueologia dos escritos antigos da minha ancestral. Reviro papiros, hieróglifos, pontuações imprecisas, herbologias localizadas. Busco decifrar sua língua, entender suas palavras, toda pessoa é uma cosmologia: trago o seu mundo para o meu, ou sou eu quem passo a habitar suas terras?

A questão que realmente me assombra todos os dias antes de dormir (e acordada), é se o nosso vocabulário comum, este que construí escarafunchando nas ruínas das suas palavras, é capaz de prescindir de você do mesmo modo como o mundo existe na mais absoluta falta da sua presença.

Como um fantasma, perambulo os lugares por onde você caminhou, como um fantasma, suas palavras ausentes no livro que escrevo a partir delas. Em meio a tantas diferenças construímos similaridades: você por predição, eu por psicografia. Os seus genes já eram meus muito antes de eu nascer. Nos pertencemos, cabeça e cauda, ainda que isso não me faça fazer as pazes com nada

nem com ninguém.

As mulheres da minha família certamente têm muito apreço por vírgulas. As colocam pelo texto de acordo com o desejo estético, preferem não pensar no que significam, riem às custas das normas gramaticais. Ou talvez minha avó prezasse pela norma culta e, neste caso, as mulheres da minha família certamente são dotadas de péssima caligrafia, tornado dificultoso decifrar as pontuações da antecedente direta. Existe ainda a opção de que minha mãe, no afã de datilografar os poemas de sua recém-falecida mãe, tenha colocado vírgulas onde deixou escapar o choro, secretamente marcando de lágrimas os escritos: onde o peito se apertou, uma vírgula para lembrar de respirar, outra para relaxar o esterno, e mais uma que mantenha viva a memória dos dedos liquefeitos pelo fim dos tempos. As minhas professoras bem são testemunha da minha péssima caligrafia, mesmo com os anos de dedicação aos famigerados caderninhos, hoje resgatados sob o nome de exercícios de lettering: o nome fancy que os jovens deram ao antigo hábito de escrever com as mãos em papel. À minha geração coube a tarefa de descobrir como encobrir sentimentos quando estão claras as palavras.

V

Cada geração comete a heresia que lhe é possível

Só me restou, portanto, ir adiante,
perder o terço com solo do vaticano
benzido pelo papa,
botar deus num chinelo
pendurado de cabeça para baixo,
conspurcar as memórias, poluir as praias de Guarapari.

No sul, descobri que setembro não era primavera.

Minha vista, lentes de edição, quer cortar, podar, arrancar as flores e as memórias, piadas de infância, o cordão que nos une

e já nem sei mais se tenho saudades da minha terra natal.

(ainda tinha)

Prefiro os verdes às flores

Jatobás, jaqueiras e jamelões,

o sol quando bate, quantos tons de verde tem?

Certa vez acordei e perguntei que estação era hoje,

já havia partido.

O que fermenta é a culpa,

essa nostalgia licorosa de orelhas compridas

que um dia amei.

Setembro

Da poeira vermelha que paira no ar e colore os monumentos muito
brancos que você não teve tempo de ver. A grama retorcida, o ar parado, o
tempo suspenso em sua mais absoluta falta d'água:

O cerrado é tão lento quanto morrer de sede.

Quando chove a vida se faz rápida na certeza de ser passageira.

Violetas na janela

Que misteriosos os cobogós
que deixam ver pequenos recortes lá fora
como se o mundo pudesse caber
na caixinha de um monóculo fotográfico.

O ciciar morno das cigarras
numa tarde de agosto
de já nem sei mais que ano era:
há um afago terrível no ruído.

Contribua com a autora e com este trabalho
com qualquer quantia pelo Pix:

nardellipatricia@gmail.com

